



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL
NAS PRÁTICAS EM SALA DE AULA COM ALUNOS
COM DÉFICIT COGNITIVO**

Janaina Cardoso dos Santos

Rio Bonito, Brasil

2010

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NAS PRÁTICAS
EM SALA DE AULA COM ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO

por

Janaina Cardoso dos Santos

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

Rio Bonito, Brasil
2010

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NAS PRÁTICAS EM SALA
DE AULA COM OS ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO**

elaborado por

Janaina Cardoso dos Santos

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Ms. Tatiane Negrini
(Presidente/Orientador)

Prof. Ms. Silvia Pagel Floriano Luiz

Prof. Valquíria Maria Silva Rios

Rio Bonito, Brasil
2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NAS PRÁTICAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO

Autora: Janaina Cardoso dos Santos
Orientadora: Professora Ms. Tatiane Negrini
Rio Bonito, 15 de dezembro de 2010.

Este trabalho tem como objetivo mostrar a literatura infantil como fonte de enriquecimento, aprendizagem e de inclusão das pessoas com necessidades especiais. Sabe-se que há uma influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, neste mesmo tempo que a obra pode exercer influência sobre o meio. Diante dessa possibilidade, a idéia de elaborar um trabalho voltado para as pessoas com necessidade especiais junto à literatura infanto-juvenil vem como um poderoso instrumento para o desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem humana. A literatura é uma arte que permite o leitor caminhar e percorrer universos diferentes. Nela, todos os grupos sociais estão inseridos, de diferentes maneiras. As pessoas com necessidades especiais precisam sentir escolher e manipular as palavras, as organizarem para que produzam um efeito que vai além da sua significação. A literatura tem este papel, através de suas diferentes formas mostrar a inclusão atuando em muitos papéis, como personagem, autor e leitor. A aplicação da literatura envolve ações educativas, aspectos sociais e culturais, psicológicos, políticos, profissionais, a soma de tudo isto constituirá a cidadania. Neste sentido a conclusão de todo um conjunto de observações e atividades práticas realizadas na escola junto aos alunos com necessidades especiais e docentes mostra a literatura infanto-juvenil atuando como facilitador de inclusão, promovendo a identificação do leitor com os personagens e nos seus problemas. Quando ao desenvolvimento cognitivo, o aumento do vocabulário na interpretação dos textos proporcionando momento de novas leituras e possibilitando o leitor fazer inferências e novas releituras. O uso da reflexão, criatividade, sensibilização sempre presente. A valorização da linguagem oral por ambas as partes (professor/aluno), solidários na quebra de preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Déficit cognitivo; literatura infanto-juvenil; aprendizagem.

SUMÁRIO

Introdução	p. 3
1. Metodologia	p. 5
2. O aluno com Déficit cognitivo a caminho da história.....	p. 6
3. Déficit cognitivo e aprendizagem.....	p. 10
4. Literatura na Escola, a arte do saber	p.12
5. Conclusão	p. 19
Referências Bibliográficas.....	p. 21

Introdução

A escola é um lugar onde todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, se reúnem em função de um mesmo objetivo em comum que é a educação. É através dela que começam as algumas inquietações, frustrações, alegrias.

Observando o cotidiano escolar, tem-se notado as diferentes dificuldades de aprendizagem nos alunos, os quais levam a desmotivação e até mesmo uma exclusão. Sabe-se que é o momento do professor pensar e agir sobre seu papel como educador, para que de algum modo possa conseguir cumprir o objetivo da escola de hoje, uma educação de qualidade para todos, proporcionando o crescimento e fortalecimento da cidadania.

Como professor, devemos tentar abrir os olhos e investigar o espaço escolar, observando o comportamento do aluno, sua integração com o outro, sua comunicação, a diversa pluralidade cultural com intuito de perceber como fazer valer as palavras de Paulo Freire (1996, p. 25): “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. E vai mais além, ao dizer que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Nesta relação de ensinar e aprender deve refletir em nossa prática o que estaria dando certo ou errado na sala de aula, quebrando a rotina, abrindo um “leque” de situações para atingir de maneira agradável o interesse do meu alunado, incluindo-o realmente no ambiente escolar.

Segundo Lopes (1999, p.143), “É conhecimento guia de nossas ações, nossas conversas, nossas decisões”. Interagir de maneira criadora, crítica e desafiadora com o objetivo de ultrapassar as barreiras da “aprendizagem normativa”.

Pesquisando sempre o professor deverá ser capaz de aliar a prática e teoria, isto é ter consciência sobre o problema recorrente em sua sala de aula, refletindo e questionando expressando criatividade em suas ações metodológicas.

Assim devemos procurar meios para amenizar e até mesmo eliminar as dificuldades com o objetivo de construir uma educação viva e segura. Neste sentido questiono o ensino da literatura infanto-juvenil na sala de aula como fonte de aprendizagem pedagógica educativa. A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. Então por que não usá-la? A literatura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas vai além, significa, interpreta, compreende. Ela é uma fonte de conhecimento capaz de favorecer a criatividade, a interação, a imaginação.

Com este olhar proponho como objetivo principal deste estudo investigar a literatura infanto-juvenil como instrumento facilitador da aprendizagem juntos aos alunos com déficit cognitivo.

A literatura infanto-juvenil pode ser capaz de ajudar os alunos com déficit cognitivo a caminhar por universos diferentes. Segundo o pensamento de Vigotsky apud Rabelo (1999, p.20), "uma criança portadora de um defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as demais, apenas desenvolvem de forma diferente".

As histórias sempre atraíram os homens, desde a antiguidade em volta das fogueiras, até hoje virtualmente nas telas do computador. Pode ser contada oralmente ou lida, mas o importante é que quando bem contadas vão direto ao inconsciente para “trabalhar” seus conteúdos e resolver algum eventual problema, ou melhor, as histórias possibilitam às crianças resolverem conflitos interiores em função de que apresentam uma linguagem apropriada para a faixa etária. Deste modo, o indivíduo pode repensar maneiras de ver o mundo, aprender a conviver melhor com o outro e a ter paciência consigo mesmo.

Segundo Paulo Freire (1996, p. 96), “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Como professor, podemos presenciar os benefícios e as contribuições da literatura infanto-juvenil, quando a mesma trabalha de maneira significativa relacionando com as vivências dos alunos.

Por meio da linguagem a criança aprende a expressar seus sentimentos, explicar suas reações e compreender a dos outros, conhecer diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato e incorporar valores e normas sociais. Aprende também a dirigir e organizar seu pensamento e a controlar sua conduta, favorecendo assim uma aprendizagem cada vez mais consciente (VALMASEDA, 2004, p.72).

Democratizar o conhecimento é garantir o acesso de todos com igualdades de direitos, eliminando das escolas algumas práticas como, autoritarismo que é existente no cotidiano e torna-se excludente para os alunos que muitas vezes passam por situações classificatórias e eliminatórias. Não tendo oportunidade de desenvolver sua aprendizagem dentro de suas potencialidades.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo para compreender o comportamento dos alunos e professores. Buscando aprofundar os conhecimentos sobre a utilização da literatura infanto-juvenil na sala de aula com objetivo de incluir e desenvolver o aluno com déficit cognitivo. As opiniões, atitudes dos docentes e discentes na classe. As motivações e padrões de comportamento existentes.

A coleta de dados foi escolhida por permitir identificar as variáveis respostas, comprovando e negando hipóteses sobre o assunto. Como aliado na orientação da fase da pesquisa. Os aspectos positivos encontrados na sua realização são maiores flexibilidades no trabalho no qual se permitiu captar além das palavras as expressões corporais, o tom de voz e em alguns momentos a falta de motivação do entrevistado.

As entrevistas envolveram professores da Escola Municipal Rômulo Tude, como também observações do desenvolvimento da literatura infanto-juvenil nas salas de aula.

Este universo citado acima foi escolhido por saber que a literatura tem importante papel na disseminação de valores anexados a aprendizagem, contribuindo de forma positiva no comportamento, favorecendo ao aluno e aos professores no trabalho de novas experiências, e a participação de todos valorizando as potencialidades de cada um.

Com base na teoria sócio-interacionista Vigotsky (1991) a aprendizagem está intimamente relacionada com a interação social, assim como o desenvolvimento e aquisição da linguagem.

Ler um livro de forma lúdica e criativa concebe a entrada no universo imaginário estabelecido pela própria criança. Desta forma ficam tão entretidas a ponto de quase acreditarem que o real e o imaginário se entrelacem. Elas se transportam para um mundo povoado por objetos e seres inanimados, onde tudo é possível.

À medida que a criança utiliza-se da literatura de forma lúdica, ela interage com o outro, com o objeto e consigo mesma, desenvolvendo a linguagem, função esta que organiza todos os processos mentais da criança, dando forma ao pensamento.

Podemos dizer que o bom ensino é aquele que estimula a criança a atingir um nível de compreensão e habilidade que ainda não domina completamente, estimulando um novo conhecimento.

Cabe ao professor ativo e determinante é mediador da aprendizagem. Observar o aluno o conhecimento real, o que ele consegue fazer sozinho, o potencial, aquilo que ele consegue fazer com a ajuda.

A teoria do desenvolvimento da aprendizagem (Zona desenvolvimento proximal) abriu-se espaços entre o real e a literatura infanto-juvenil na sala de aula. Através da teoria de Wallon (1981) demonstra a importância de trabalhar a afetividade e o social da criança possibilitando uma aprendizagem mais realista ou seja a emoção como o principal mediador.

Enquanto Paulo Freire fala sobre a importância da leitura do mundo precedente a leitura da palavra e aplicação desta leitura na sua própria escrita ampliando assim as suas possibilidades de aprendizagem. Souza (1992) afirma:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (1992, p. 22).

Ao olhar a leitura quando nos diz que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra" Freire (1989), ou seja, a compreensão do texto se dá a partir de uma leitura crítica, percebendo a relação entre o texto e o contexto, podemos entender que os alunos com déficit cognitivo têm a capacidade de aprendizagem quando o seu cotidiano, seu lado afetivo, suas potencialidades são levados em conta no ato de ensino e aprendizagem.

Neste momento passo a questionar: será que a escola está sendo capaz de desenvolver as habilidades cognitivas de seus alunos? Será que a literatura infanto-juvenil enquanto instrumento alcançará os com déficit cognitivo?

Ao realizar as entrevistas com 7 professores, sendo 2 da pré escola, um do 1º ano, um do 2º ano, um do 3º ano, um do 4º ano e um do 5º ano. Passamos para o caráter investigativo com intuito de saber se os mesmos utilizavam a literatura infanto-juvenil em suas salas de aula, o seu objetivo, a frequência de uso e os procedimentos realizados.

As observações foram realizadas nas salas de aula dos professores entrevistados, (maternal, GII, 1º até o 5º ano), nos momentos de roda de leitura.

Os livros apresentados fazem parte do acervo da biblioteca da escola. A escolha das obras literárias foi analisada para cumprir o critério estabelecido: Possibilitar a auto-estima positiva, favorecer a convivência com o grupo respeitando as diferenças individuais, o desenvolver cognitivo facilitando o processo de aprendizagem tendo como instrumento a literatura, ser capaz

de estimular a imaginação e trabalhar as emoções para poder enriquecer a vida no trabalho de inclusão.

Os livros apresentados fazem parte do acervo da biblioteca da escola (Hans Christian Andersen - O patinho feio, Ana Maria Machado - “Menina bonita do laço de fita) ou da biblioteca Municipal de Rio Bonito (de Claudia Weernck “Meu Amigo Down”).

Em todo momento pudemos refletir sobre a prática e as teorias.

Juntamente com a diretora da unidade escolar e demais professores, elaboramos um projeto na qual o uso da literatura infanto-juvenil propicia o desenvolvimento da área cognitiva e emotiva o senso crítico e autonomia. Esta foi uma das maiores contribuições dadas à escola e aos seus alunos pelo corpo docente

Percebemos que a vontade de aprender leva o educando ao sucesso ou ao fracasso escolar, a literatura infanto-juvenil pode ajudar e muito no resgate desse desejo de aprender que as crianças vão buscar na escola e que muitas vezes são esquecidas nas salas de aulas, conseqüentemente levando o educando ao fracasso na aprendizagem.

Cabe ressaltar que as entrevistas foram do tipo semi-estruturada com 7 professores do ensino fundamental com caráter investigativo, buscando servir de guia para a pesquisa realizada. Tendo como base as seguintes perguntas: Você utiliza a literatura infanto-juvenil nas suas aulas? Quantas vezes por semana? Qual o objetivo? Na medida em que as perguntas foram respondidas, abriam-se novas possibilidades de formularem indagações referentes sobre os seus procedimentos em sala de aula.

O aluno com Déficit cognitivo a caminho da história

Vamos usar a história para entender como as pessoas com necessidades especiais conseguiram os avanços apresentados hoje.

Sabemos que no passado e ainda no presente o ser humano tem o caráter de modelar tudo, tendo como ponto de partida sua generalização superficial, o seu estereótipo sobre o indivíduo, tudo que é diferente, que não se incluem nos moldes imaginários. Os mesmos são vistos com olhares críticos, curiosos, manifestando uma forma de atitude discriminatória às pessoas com necessidades especiais, considerando como um “estranho” na sua sociedade.

Na antiguidade a educação especial esteve praticamente ausente. No primeiro momento sacrificavam as pessoas com necessidades especiais, porque a sociedade considerava um “peso”. Depois foram colocados em instituições, trancafiado, isolado, sem direito de mostrar a sua essência

o seu ideal, “mortos sim” de maneira diferente. De acordo com Gaio (2006, p. 66), "O segundo núcleo da civilização antiga, Roma, dá continuidade aos pensamentos gregos, na tarefa de construir uma sociedade modelo para época".

Na idade média foi marcada por extrema contradição e ambivalência influenciado pelo cristianismo. A deficiência era visto como obra de intervenção direta de Deus ou considerados possuídos pelo demônio. Assim o primeiro tornava-se predestinado dignos da boa ação dos outros membros da sociedade que passam a ser alvo de proteção caridade, comiseração e super-proteção. Com isso o deficiente passa a ocupar um lugar de benevolência social. Os considerados bruxos endemoniados eram apartados. Em relação a este período Bianchetti (1995, p. 9) nos lembra que "[...] A dicotomia deixa de ser corpo/mente e passa a ser corpo/alma. A pessoa com deficiência deixa de ser morta ao nascer, porém passa a ser estigmatizada, pois, para o moralismo cristão, católico, deficiência passa a ser sinônimo de pecado".

Durante a idade moderna a filosofia Humanista se propõe a resolver os problemas relacionados ao ser humano com base na evolução das ciências – o conhecimento científico assegura as tentativas da educação das pessoas com deficiência sob o enfoque de patologia.

Nessa época surgem as classes especiais em escolas públicas, que oferecem à pessoas deficiente uma educação à parte com o método experimental ou o método científico.

Hoje vivemos no momento histórico da inclusão, a humanidade caminha para diminuir o preconceito contra a pessoa com necessidade especial, desta maneira o olhar de pena, dó, incapacidade, limitações de desprezo devem ser mudadas. Como também a própria fala expressa discriminações: “mongol, retardado, Manco, Aleijado, demente” e muitas outras nomenclaturas utilizadas de maneira pejorativa, pois a palavra é ação. Sabemos que a diversidade faz parte da vida humana, ser diferente não é um problema, mas sim uma riqueza.

Não devemos temer a história, graças a ela que começamos a assumir o discurso da inclusão social, fundamentada na concepção que escola é direito de todos, fortalecendo uma proposta pedagógica de educação inclusiva assim ao viabilizar a ampliação do acesso e a qualidade do processo educacional.

A Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), e a Declaração de Salamanca (1994), a LDB nº9394/96 (1996), além de outros documentos produzidos vem como alicerce para garantir a educação inclusiva para todos os sujeitos.

Neste sentido podemos perceber que a sociedade começa a pensar sobre as diferenças individuais de todos. A educação inclusiva é uma força renovadora na escola. Todavia não

consiste apenas em matricular o aluno com necessidades especiais na turma regular como um espaço apenas de convivência social. Mas sim, que o mesmo tenha oportunidade de usufruir a vivência e a riqueza do universo escolar proporcionando o aproveitamento acadêmico, os seus colegas aprenderam a respeitar, conviver com as diferenças, os educadores enriqueceram sua forma de pensar e sua prática, tendo como desafio de educar a todos.

Não podemos fechar os olhos para a segregação do passado. Mas devemos viver o presente no qual oportuniza uma nova proposta para a educação, rompendo a prática de exclusão fortalecendo um novo olhar para as necessidades educacionais de alunos.

O mundo luta pela inclusão com ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –LDBEN, Lei nº4.024/61, aponta “o direito dos excepcionais à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino”. Foi um marco para a história da Educação Especial.

É necessário entender que educação é um desenvolvimento do ser humano em direção à autonomia, construindo na escola um espaço de socialização do poder e do saber.

A nossa Constituição Federal de 1988, respalda e propõem avanços significativos para a educação escolar de pessoas com deficiência, no artigo 1º, inciso II e III que trata da promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; no artigo 3º, inciso IV, fala da garantia à igualdade para todos e no artigo 5º que garante a educação para todos. Almeida, na Revista Pedagógica, relata que:

Educação Especial é uma modalidade de ensino que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de necessidades especiais, condutas típicas ou alta habilidade e, que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referências teórico e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado (ALMEIDA, Roseline Souza. **Competência de Quem para quem?**. Revista Pedagógica 2002)

A Educação Especial se trata de uma educação voltada para as pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e para os alunos com altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008).

O paradigma da educação inclusiva vem lutando desde a década de 20 até hoje buscando a não exclusão escolar, propondo ações que garantam a permanência do aluno com necessidades especiais. Mas precisamos ficar atentos ao paradigma da segregação que como “fantasma” ainda

roda algumas escolas que temem em enfrentar o desafio e dificuldades de incluir, optando o seu desejo de mantê-los em espaços especializados.

A atual Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008) garante o ensino regular dos alunos com necessidades especiais, tendo o apoio de profissionais especializado, nos quais deverão ter participação na vida escolar assegurando um conjunto de recursos e serviços especiais organizados para apoiar este aluno na sua aprendizagem. Esta modalidade escolar – a educação especial – tem o compromisso de acompanhar o desenvolvimento do educando desde a educação infantil até a superior. O atendimento educacional especializado, formação de educadores e demais profissionais da educação inclusiva. A participação de todos, família, comunidade, escola; acessibilidade.

De modo geral podemos dizer que a Educação Inclusiva vem passando por várias barreiras, políticas, pedagógicas, e no processo avaliativo do aluno. Mas se conhecermos o desenvolvimento humano e sua relação com o processo de ensino aprendizagem, a sua vivência, a sua relação com meio o processo pode ser diferente, levando em conta que cada um aprende no seu tempo, de maneira diferente.

Déficit cognitivo e aprendizagem

Sabemos que é comum a presença de dificuldades de aprendizagem nas nossas salas de aula levando os alunos a terem transtornos envolvendo o lado emocional, o comportamento social (inadequado ou apático), a falta de motivação causada pela sua auto-estima desgastada.

Estes alunos quase sempre são diagnosticados com déficit cognitivo precisando de um ensino mais sistematizado, pois sua dificuldade de atenção, concentração, compreensão, assimilação, memória visual, memória auditiva e raciocínio.

Ao pensar no aluno com déficit cognitivo devemos lembrar dos princípios Vigotskianos, nos quais os mesmos interagem de maneira significativa e construtiva. Segundo o teórico, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Por isso que a interação com o meio é de grande valia para o desenvolvimento da aprendizagem como também o de Professor-aluno, aluno-professor.

Segundo Vigotsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem-, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles.

A aprendizagem não se subordina inteiramente ao desenvolvimento das estruturas intelectuais do indivíduo, mas se alimenta do outro, provocando saltos de nível de conhecimento. O seu principal conceito de Zona de desenvolvimento proximal, assim deixa claro que o bom ensino é aquele que estimula a criança a atingir um nível de compreensão e habilidade que ainda não domina completamente, "puxando" dela um novo conhecimento.

Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma seriam impossíveis de acontecer. (VIGOTSKI, 2006, p. 118)

Então a finalidade da aprendizagem é a assimilação consciente do mundo físico mediante a interiorização gradual de atos externos e suas transformações em ações mentais. Ela se produz, pelo constante diálogo entre o exterior e interior do indivíduo.

O papel do professor como mediador do saber tem a ver a idéia de Vigotsky (2006). Vem encorajando inúmeros educadores a inovarem sua prática pedagógica, no sentido de buscar compreender a realidade.

Percebe-se que à medida que o educador constrói sua prática, vai refletindo e aplicando essas teorias que são valiosas para resolverem diversos males que afligem o contexto educacional.

Cabe à escola uma adaptação das atividades e conteúdos pedagógicos, não apenas levando em consideração os elementos que interessam aos alunos, mas, sobretudo, que possam trabalhar de maneira mais lúdica e significativa os conteúdos comprometidos, habilidades e competências em construção, procurando aspectos que envolvam esta constituição a partir das experiências adquiridas através da interação com o outro.

Não basta apenas inserir a criança em uma instituição escolar para que adquira novos conhecimentos. É preciso que se criem contextos de aprendizagens em que ela possa entrar em contato com tais conhecimentos.

O quantitativo deve ser deixado de lado dando lugar ao qualitativo. Este é um dos critérios mais problematizados na questão avaliativa dos alunos com necessidades especiais. O quantitativo na maioria das vezes só analisa o “defeito” da criança, e não sua personalidade, ou seja seu potencial.

Com a integração o aluno tinha que se adaptar à escola, agora, na escola inclusiva, se adapta o conhecimento ao aluno, de acordo com suas possibilidades de assimilar o novo relacionando-o ao que já conhece.

Por este motivo Polity ressalta:

[...] As dificuldades de aprendizagem devem ser analisadas e compreendidas não somente como uma falha individual de um sujeito que resiste a adequar-se ao pré – estabelecido, mas como uma confluência de fatores que incluem a escola, a família, os profissionais da educação e o sistema de relações sociais envolvidos (POLITY ,2001, p. 71).

Devemos estar atentos, o ser humano é um ser social, portanto, aprende com as relações afetivas, e proporciona o surgimento do conhecimento racional e real.

Com os estudos de Vigotsky podemos melhorar todo o sistema de ensino e aprendizagem. Devemos conceder que a aprendizagem não segue padrões pré-determinados. Com alguns alunos processa-se rapidamente, mas com outros (Déficit cognitivo e alunos com necessidades especiais) processa-se mais lentamente, especialmente na área da atenção seletiva. Os alunos de inclusão não são inaptos, mas podem aprender os conteúdos de maneira adaptada.

Os alunos com déficit cognitivo, como citado anteriormente, muitas vezes vivem expostos a situações emocionais conflituosas, sentimentos de frustração, inadequação e ausência de habilidade, dificuldade de se controlar. Neste momento a emoção é como mola propulsora para aprendizagem, nos leva a perceber a importância do professor como mediador das relações.

A proposta construtivista e inclusiva de Vigotsky é que se intervenha de forma decidida e significativa nos processos de desenvolvimento da criança com déficit cognitivo no sentido de ajudá-la a superar eventuais dificuldades, recuperar possíveis defasagens cognitivas e auxiliá-la a ativar áreas potenciais imediatas de crescimento e desenvolvimento. Incentivando para que se envolvam nas discussões, participando incluindo-se. Utilizando Ferramentas diferentes e sedutoras como a literatura infanto-juvenil para mobilizar a sua classe.

Literatura na Escola, a arte do saber.

Com o objetivo proposto para este estudo, buscamos a Escola Municipal Rômulo Tude, a qual possui aproximadamente 250 alunos e 12 professores, funcionando manhã e tarde. Cabe ressaltar que tem turmas do maternal até o 5º ano, como também alunos incluídos nas turmas. Esta

instituição tem como objetivo a aprendizagem, sendo esta traçada no Projeto Político Pedagógico, estando de portas abertas para o novo. Como Barbosa afirma:

[...] a construir um olhar e uma escuta diferenciada, voltada para o ensinar/aprender, que possibilite o conhecimento de sintomas, a análise dos mesmos e a busca para os problemas estudados” (BARBOSA, 2001, p.135)

A escola possui alunos com dificuldades de aprendizagem acentuadas e leves, alunos repetentes, que ainda não conseguem acompanhar as atividades curriculares e alunos com dificuldade de comunicação. Esta pesquisa tem o caráter de observar as vantagens da literatura para solucionar os casos acima mencionados.

Com base nos estudos de Vigotsky que enfatizam o papel da intervenção para aprendizagem, a zona de desenvolvimento proximal, a comunicação entre aquilo que a criança já sabe e aquilo o que pode vir, a saber. Assim a aprendizagem pode estar presente em todos os momentos de nossa vida, mas a dificuldade também pode estar presente da vida escolar.

A literatura infanto-juvenil nos levou a observar as habilidades cognitivas, mnemônicas, metalingüísticas, viso-espacial com todo o aluno presente. As entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas pré-estabelecidas levaram-nos a perceber um pouco do universo do professor em relação literatura infanto-juvenil como auxiliadora da aprendizagem dos alunos com déficit cognitivo.

O primeiro encontro com uma das turmas ocorreu de forma alegre e descontraída levando a questionar o papel do professor mediador da aprendizagem, capaz de modificar, regular, adaptar ou adequar e estimular o seu aluno. Permeada por uma reflexão de Paulo Freire (1996, p26) “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”, e esta impressão deve estar ligada ao educador e ao educando. Trocando sempre a ação pedagógica será mais efetiva e eficaz.

As observações do comportamento, linguagem, integração social e interação da literatura infanto-juvenil, professor e aluno foi o primeiro passo dado.

Ao propor uma história para os alunos, o professor deve demonstrar empatia com seus alunos possibilitando a sua capacidade de ouvir, refletir, discutir. Trabalhando como mediador do saber.

(...) toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura no mundo, de tal maneira que ler mundo e ler palavra se constituíam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta (FREIRE, 1994, p.15).

O educador deve estar comprometido; estar interessado com o que o aluno deseja aprender, interessado em conhecê-lo, ouvi-lo; respeitar o potencial de cada um; acreditar que todos conseguem desenvolver suas habilidades.

Sabemos que os alunos com déficit cognitivo necessitam de diferentes suportes, dependendo das suas particularidades; repensar os sistemas de avaliação adequando-se por uma avaliação formativa; estimular a participação dos pais e dos outros professores; e trabalhar com um currículo flexível, também auxiliará.

Foram realizadas observações nas salas de aula de alfabetização a 4º série, assim como entrevistas semi-estruturada com 7 professores das turmas selecionadas. As entrevistas tinham caráter investigativo para saber se os mesmos utilizavam à literatura infanto-juvenil em suas salas de aula, o seu objetivo, a frequência de uso e os procedimentos realizados.

Deste modo, procuramos também trabalhar as obras contidas no universo literário, dando nova visão para o assunto debatido por Hans Christian Andersen “O patinho feio”, Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita”, de Claudia Weernck “Meu Amigo Down”.

Nas salas observadas havia alunos com necessidades especiais de diferentes características. Na sala de Maternal, um aluno hiperativo com dificuldade na fala; na turma GII aluno com dificuldade de concentração; na turma de Alfabetização um aluno com déficit cognitivo, outro com baixa visão e déficit cognitivo; na turma do 2º ano aluno com déficit cognitivo; 3º ano uma aluna com baixa visão e dificuldade motora, além de alunos com dificuldades de se expressarem; no 4º ano, aluno com déficit cognitivo, aluno repetente, idade avançada para a série, 5º ano.

Ao selecionar teóricos para esta pesquisa pode-se compartilhar de algumas idéias defendidas por Piaget, que afirma que o educando constrói os seus conhecimentos com a interação com o meio (Assimilação e acomodação). O jogo como desenvolvimento coletivo. Mas verificamos algumas discordâncias da teoria quando percebemos a dificuldade dos alunos com déficit cognitivo que não estavam se desenvolvendo de acordo com os estágios previsto de idades.

As primeiras turmas selecionadas equivalem as de literatura infantil. Na alfabetização o livro escolhido foi o Patinho Feio de Hans Christian Andersen. Contamos a história de modo agradável, dinâmico e mostrando as figuras nos quais os alunos participaram de forma alegre e com entusiasmo.

Neste mesmo tempo podemos relacionar a resposta da professora da turma, feita na entrevista: Como você usa o livro na sala de aula? R: “Como meio de levar aprendizagem de forma lúdica e criativa e acima de tudo prazerosa, para todos” com o comportamento dos alunos.

E deste modo, solidificar esta fala com a da autora Ana Maria Machado em sua entrevista feita para a revista Nova Escola Edição 145, 09/ 2001:

Como usar o livro na sala de aula?

Ana Maria: Com muita paixão. Quando o trabalho é feito com gosto, fica fácil descobrir a melhor forma de envolver a turma. É possível analisar o contexto da história, fazer um júri simulado, uma dramatização, um debate... Tudo vai depender da realidade de cada turma. Na Inglaterra existe um programa muito interessante. Num determinado horário, toda a comunidade escolar do porteiro à diretora pára o que está fazendo para ler. Cada um escolhe o assunto que quiser, ficção ou não-ficção. Quando acaba esse tempo, tudo volta ao normal. (MACHADO, Ana Maria. *A literatura deve dar prazer. Revista Nova Escola*. 2001)

A professora da turma fez questionamento: “Vocês conhecem algum “causo” como o patinho feio?”. Esta pergunta teve como objetivo principal à relação do cotidiano com a história. Alguns alunos associaram o patinho feio a tudo que era diferente, deixando claro que intrinsecamente o preconceito ainda assola os corações das pessoas.

A situação de questionamento ajuda ao desenvolvimento da fala como instrumento do saber.

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humana de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui-se a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso dos instrumentos (VIGOSTSKY, 2006, p.33).

Outros trabalhos foram realizados nas rodinhas com a história relacionando as palavras já conhecidas por ele com outras. A professora passa a fazer valer os pensamentos Vigostskianos sobre as Zonas de Desenvolvimento Proximal no processo de construção de significados.

A rodinha de literatura feita na alfabetização deixa claro que os alunos com déficit cognitivo participaram dando a sua opinião. A troca de experiências entre professor/aluno e aluno/professor se fazia valer.

A proposta deixada para professora da turma foi trabalhar a organização de idéias, ampliação do vocabulário mediante a história contada e o trabalho em grupo e dupla como forma de vencer a dificuldade de alguns alunos. Além de explorar a diversidade como valor para a criação da cidadania.

Foi solicitada a professora da 2º ano que trabalhasse a mesma história dada para a alfabetização. A turma ouviu toda a história do Patinho Feio, a professora na roda pediu que algumas crianças fossem contando a história. Cabe ressaltar que a mesma incluiu no debate os alunos com déficit cognitivo.

Neste momento venho fazer valer as palavras da professora na entrevista dada: “Como você trabalha para que os alunos com déficit cognitivo se sintam incluído nas atividades? R: Trabalho sempre em parceria, alternando quem sabe mais com o que sabe menos, sempre estou atenta para fazer com que eles avancem”.

Assim se faz claro às reflexões de que aprendemos diariamente com nossos alunos, e eles com os professores. Aprendemos em todos os lugares e ensinamos também, O ensino sem aprendizagem é nulo, a aprendizagem sem o ensino não dignificará o homem.

Após a história contada a professora fez aproximação do universo infantil e a escola. “O que significa ser diferente?”, “Você já se sentiu diferente?” A crianças debateram e chegaram a uma resposta, que todos somos diferentes, mas temos a nossas qualidades.

A proposta e/ou sugestão dada para professora da 2º ano, foi o trabalhar a literatura de modo criativo , dinâmico, com desafio constante, todavia adequados à realidade do educando com déficit cognitivo para que o mesmo alcance a autonomia.

No 3º ano foi contada a história de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” pela professora da turma. Após as crianças relataram a parte que mais gostaram e depois registraram. Cabe ressaltar que a aluna com baixa visão teve muita dificuldade de registrar. Mas oralmente, se expressou com desenvoltura. A professora disse: “ Oralmente é excelente, deste modo que me proponho a avaliá-la, mas as vezes ainda me deparo com o sistema que me propões as avaliações quantitativa”.

O grande desafio da escola é criar um elo na qual a avaliação da aprendizagem e a inclusão caminhem juntas a fim potencializar o saber, utilizando como ferramenta pedagógica.

Hoje estamos vivendo experiências, que estão demonstrando a viabilidade da inclusão, estas experiências têm a força da motivação da aprendizagem dos alunos com necessidades especiais e a clareza que só essas virtudes não serão suficientes para crescimento desse novo paradigma no sistema educacional. Temos ainda que enfrentar o poder da máquina educacional, e dos olhares indagadores “rotulantes” de pais de alunos.

Assim a escola e os professores devem estar atentos a verdadeira inclusão. Segundo Mazzotta (1986),

[...] um conjunto de indicações, de instruções coerentes e precisas se faz necessário para permitir que as ações educativas, seja em situações comuns ou especiais, se desenvolvam de modo a preservar a organicidade e coerência que caracterizam um sistema escolar e ao mesmo tempo assegurar ao professor as condições necessárias ao desenvolvimento de seu trabalho, de tal modo que o seu papel de educador não seja diminuído. Ao educador não cabe o papel de mero executor de currículos e programas predeterminados, mas sim de alguém que tem condições de escolher atividades, conteúdos ou experiências que sejam mais adequadas para o desenvolvimento das capacidades fundamentais do grupo de alunos, tendo em conta seu nível e suas necessidades (MAZZOTTA, 1986, p.117).

A implementação da escola de qualidade, que é igualitária, justa e acolhedora para todos, é um sonho possível. Uma escola justa e formadora de gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras.

A Avaliação não pode ser um momento isolado no final do processo de aprendizagem. Devemos avaliar continuamente, pois o mais importante não é a aprendizagem que já ocorreu, mas, aquela que está acontecendo.

Nesta sala a inclusão esta sendo realizada com a boa vontade da professora que recebeu um aluno com déficit cognitivo e a aluna com baixa visão e dificuldade motora, e trabalha usando seus conhecimentos e experiências. Ela deixa evidente suas dúvidas que ainda permeiam o seu trabalho de como agir em algumas situações, como adequar os conhecimentos sem excluir os alunos.

A proposta dada a esta professora é que para avaliar tem que ter em mente os objetivos previstos, o que se quer que a criança aprenda, sentindo individual, não de modo coletivo e determinar uma metodologia e estratégia específicas.

A literatura infanto-juvenil pode ser utilizada em sala de aula como facilitador da aprendizagem, estimulador da imaginação, da emoção, despertador da curiosidade, enriquecedor da vida. Numa sala inclusiva toda realiza atividades, resolvem problemas, participam. Cada qual tem sua opinião. Pensar, fazer e criar, cada um pode fazê-lo a seu modo, no seu ritmo, e sem moldes pré-determinados.

Na sala do 4º e do 5º ano foram propostas atividades com o livro de Claudia Weerneck “Meu Amigo Down” que teve o objetivo de valorizar as infinitas diferenças que existem entre cada criança, não se atendo à imagem do aluno com Síndrome de Down.

No 4º ano a professora leu a história, estabelecendo relações entre o texto e a diferença. A professora utilizou uma dinâmica com o espelho no qual descobriram que todos eram diferentes um dos outros. Perguntas foram feitas à turma sobre diferença. Analisaram atitudes e ação com as pessoas diferentes. Descobriram e discutiram sobre o fato de todos aprenderem.

A professora da turma relatou sobre o aluno “X” com idade avançada e com déficit cognitivo que tem comportamentos considerados inapropriados, não cooperando com as atividades da sala de aula regular, como, por exemplo, falando, batendo as mãos ou fazendo sons e ruídos. A professora relatou que a dificuldade de aprender gera também vergonha e desinteresse pelo mesmo. A literatura e as perguntas de intervenção com o aluno vem sendo utilizado no trabalho de sociabilidade e de aprendizagem do mesmo. Esta professora ainda fala que esta só no começo desse processo de aprendizagem utilizando a literatura, ainda falta bastante para o mesmo se adaptar adequadamente as normas criadas na sala de aula.

Falei com a mesma que este comportamento poderá ser mudado quando houver o desempenho de todos. A prática pedagógica feita por ela deve considerar o que ele já sabe, relacionando o cotidiano com a realidade. Assim contando uma história farão com que o aluno reflita nos seus atos. Com certeza a repetência, o conteúdo burocrático cumprido por ele todos, tenha desestimulado.

Os alunos desenharam e criaram frases e descobriram que encontramos qualidades consideráveis em outras pessoas. Ao ser educado, paciente, solidário estaremos enriquecendo nossa comunidade.

No 5º ano foi contada a mesma história. Os alunos se integraram bastante. Nesta turma há o desenvolvimento de todos e a preocupação em ajudar sempre os colegas.

Na entrevista feita com professores de educação infantil percebeu-se que os mesmos utilizam a literatura diariamente com o objetivo de integração da turma. Lendo e brincando, criam suas regras, representam o mundo que vive.

As duas professoras de educação infantil deixaram bem claro que apenas inserir a criança em uma instituição escolar para que adquira novos conhecimentos, não basta. É preciso que se criem contextos de aprendizagens em que ela possa entrar em contato com tais conhecimentos. A criança precisa estabelecer relações no cotidiano da sala de aula que a levem a realizar descobertas, superar suas dificuldades pessoais e, valorizando a sua auto-estima.

Nesta instituição pudemos aprender sobre as diferenças encontradas na sala de aula através das observações feitas, das perguntas citadas. Algum questionamento nos faz pensar, no critério inclusão.

Será que é sonho, será realidade? No momento que nos deparamos com crianças com déficit cognitivo e adolescente em sala de crianças pequenas fica claro que muitas vezes as práticas pedagógicas estão ainda sendo deixadas de lado, seguindo o rigor de um conteúdo igualitário.

Devemos nos sentir como um carvalho quando falamos em inclusão, podemos enfrentar tempestades (as lutas do dia a dia), mas a cada tormenta, a cada vendaval, nossas raízes ficaram firmes em terras profundas.

Conclusão

A pesquisa feita com os teóricos e a prática na sala de aula deixa claro que a inclusão vem acontecendo de maneira gradativa, e é garantido pelas leis: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, o Plano Nacional de Educação (PNE) nº 10.172/2001, regidos pela Constituição da República Federativa do Brasil, que categoricamente diz que “todas as crianças e jovens de 6 a 14 anos devem estar matriculados na rede regular de ensino, sem exceção”.

No entanto os conteúdos curriculares ainda precisam ser revistos para que de tal modo alcance a todos, respeitando os limites de cada um. A escola enfrenta o problema das diferenças em sala de aula, refletindo sobre o papel do educador no processo de ensino/aprendizagem como também as adaptações que ela enquanto escola poderá fazer para adaptar a este aluno propiciando o desenvolvimento do mesmo.

Ensinar alunos com déficit cognitivo não é uma tarefa fácil, pois como sabemos o ensino em si é complexo. Principalmente quando os professores não estão preparados adequadamente para esta realidade. No entanto nesta pesquisa verificamos que os educadores estão preocupados e dando atenção às diferenças em sala de aula, dentro das suas possibilidades. Ao utilizar a literatura infanto-juvenil na sala de aula, observamos o desempenho dos alunos com a oralidade, dramatizando, recontando, criando. É uma maneira mais fácil de avaliar o nível de seu desenvolvimento cognitivo e motor e outros. No ambiente criado pela contagem de história manifestam as potencialidades e com auxílio da professora e dos próprios colegas é possível enriquecer a aprendizagem.

A criança com déficit cognitivo tem dificuldade em abstrair por este motivo precisa da experimentar. Quando a professora brinca, canta, dramatiza a história, usar o concreto para aprender, facilita a interação desta criança com o mundo, com os colegas e professores.

A prática pedagógica usada no trabalho com aluno com déficit cognitivo deve ser ainda mais aprimorada de acordo com a realidade da turma, como também os livros de literatura infanto-juvenil apresentados.

Creemos que a literatura é um meio rico para expandir o lado cognitivo, fazendo pensar, refletir, sentir, agir, ser. Através da literatura infanto-juvenil, passamos a divulgar a inclusão usando as histórias como subsídios para o debate. É importante que se pense e os professores reflitam como utilizar a literatura na sua prática pedagógica e ainda mais trocando experiências, aprendendo juntos.

Assim pudemos concluir que a literatura infanto-juvenil na escola observada esta sendo utilizada como meio para o desenvolvimento dos alunos com déficit cognitivo. E a utilização de Vigotsky como teórico faz se notar quando a participação ativa e aceitação das diferenças individuais foram notadas pelos alunos. O trabalho em grupo, a valorização das competências, o acompanhamento e a utilização da ZDP da criança. O encorajamento dos professores junto a fala do aluno. O texto como instrumento de puro significado. A transformação da sala de aula.

Podemos enfatizar que o objetivo principal deste trabalho foi concluindo através da participação e envolvimento do aluno no projeto. A orientação e estímulo por parte do professor e a importância da literatura infanto-juvenil como metodologia de ensino.

Cabe ressaltar que a compreensão de que a diferença existe, todavia deve ser respeitada em sua singularidade. Em ações concretas e significa, garantindo o direito ao carinho, bem como o respeito aos ritmos.

Assim podemos concluir que literatura infanto-juvenil é importante nas práticas da sala de aula para o desenvolvimento do aluno com déficit cognitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSEN, Hans Christian. *O patinho feio*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

BARBOSA, Ana Mãe. *Arte Educação :Conflitos e Acertos*. 3ª ed. São Paulo. Max Limonad,2001

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. Brasília, 1996.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CARDOSO, M. *Estudos de literatura infantil.* São Paulo: Editora do Brasil, 1981.

CRUZ, M. **O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil:** bibliografia. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Seção de Bibliografia e Documentação, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança.** 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1997.

LOPES, Alice R. C. **Conhecimento escolar:** ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** Editora Ática, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer.** Revista Nova Escola Edição 145. 09/2001 <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>

MAZZOTTA, Marcos J. da S. **Educação Escolar: Comum ou Especial?.** São Paulo, Pioneira, 1986, p.117

POLITY E. **Dificuldade de aprendizagem e família:** Construindo novas narrativas. São Paulo: Vetor, 2001.

RABELO, Annete Scotti. **Adaptação Curricular na Inclusão.** Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC-ano 9, n1 21, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam.** Bauru: USC, 1992.

VALMASEDA, M. **Os problemas de linguagem na escola.** IN: COLL. Cezar. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e educação. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VIGOSTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEERNECK, Claudia. **Meu Amigo Down,** editora WVA, ano 2000.

ZARDO, Sinara Polom; FREITAS, Soraia Napoleão. A literatura infantil como auxílio pedagógico para uma educação inclusiva. **Revista Partes - Revista virtual do leitor,** São Paulo – SP, Ano IV, N.46, jun.2004. Disponível em: <http://www.partes.com.br/ed46/educacao2.asp>.

ALMEIDA, Rosilene Souza. **Competência de quem para quem?**. Pátio: Revista Pedagógica, Porto Alegre: : v. 6, n. 23, p. 27-30, set./out., 2002